

A dinâmica econômica nos Brics

Por **Guilherme Magacho, Igor Rocha e Nelson Marconi**

Valor Econômico, 4.8.2014

A estratégia para galgar patamares expressivos de crescimento no longo prazo deve levar em conta as vantagens de uma estrutura produtiva orientada para o setor manufatureiro, dinamizada quando associada a setores primários.

Durante a década de 2000, o acrônimo "Brics" se consagrou por designar um grupo de países que tinham condição de apresentar rápida expansão econômica devido ao potencial de crescimento de seus mercados. Brasil, Rússia, Índia e China se tornaram importantes receptores de investimentos e se caracterizaram, naquela década, como as futuras potências mundiais. Com exceção da China, a estratégia de crescimento desses países se pautou no aproveitamento de suas vantagens comparativas em setores primários (e serviços, no caso da Índia), e do impulso da demanda asiática por esses produtos, para se colocarem como importantes players no comércio mundial. No caso brasileiro, por exemplo, foi inegável a importância das commodities no dinamismo econômico, uma vez que elas geraram renda no setor exportador e em todas as cadeias relacionadas.

Esse quadro fez ressurgir uma antiga discussão entre economistas: a complexa relação entre estrutura produtiva e crescimento econômico no longo prazo. Os debates sobre esse tema voltaram a ser bastante polvorosos. De um lado, argumenta-se que não há problemas em crescer por meio da expansão das exportações dos setores primários, pois, além de gerarem renda, essas exportações teriam um importante efeito multiplicador sobre as demais cadeias produtivas, gerando expansão da economia como um todo. Do outro lado, argumenta-se que a mudança estrutural no sentido de aumentar a produção e exportação de manufaturados e bens de alta tecnologia é necessária para o crescimento sustentado no longo prazo, principalmente quando associada às cadeias globais de valor. Segundo esta linha, apesar dos setores primários gerarem renda no curto prazo, eles são incapazes de garantir crescimento sustentado. Isto porque na indústria estariam concentradas atividades mais dinâmicas em termos de encadeamentos produtivos e tecnologia. Assim, na medida em que a economia se diversificaria, se ampliariam os ganhos de produtividade tanto no nível das firmas como no nível regional.

Para contribuir nessa análise sobre a relação entre estruturas produtivas e estratégias de crescimento, foram calculados os encadeamentos dos setores para os quatro países durante a década de 2000. Analisando comparativamente o poder multiplicador dos setores dessas economias, verifica-se que a China apresenta robustos encadeamentos em quase todos os setores, enquanto que, no caso brasileiro, o único setor com resultados semelhantes é a indústria petrolífera. Isso indica que a indústria chinesa é bem mais interligada que a dos demais Brics e que, conseqüentemente, um aumento da demanda na China gera muito mais impacto na economia doméstica do que um aumento equivalente nos demais países. Além disso, os multiplicadores de todos os setores industriais na

China são superiores a 2,00, o que significa que o efeito indireto do aumento da demanda é superior ao seu próprio efeito na economia, ou seja, que o aumento de US\$ 1,00 na demanda por manufaturados na China implica em um aumento superior a US\$ 2,00 na economia como um todo. Não por acaso, o setor manufatureiro na China apresenta um dinamismo tão grande.

A análise dos multiplicadores pode ser complementada pela avaliação dos índices de ligação para trás e para frente. Esses índices mostram, respectivamente, quais são os setores com maior potencial de impulsionar a economia, e quais são os principais fornecedores para as cadeias produtivas. Em todos os países, o que se verifica é que os setores manufatureiros são os que apresentam maiores índices de ligação para trás, o que significa que esses setores são os mais dinâmicos no sentido de estimular a produção da economia como um todo. Por outro lado, os setores de utilidades (água, energia e etc.), petróleo, químico e commodities minerais são os que apresentam maiores índices de ligação para frente, indicando a importância de se ter esses setores estruturados para que a economia não enfrente gargalos na produção.

Por fim, a análise dos índices de ligação puros normalizados permite avaliar a importância dos setores para a economia, tanto em termos do encadeamento, quanto em relação ao tamanho do setor. Com relação às commodities agrícolas e químicas, verificam-se valores elevados em todos os Brics, exceto na Rússia, demonstrando a importância desses setores para o desenvolvimento da indústria de alimentos, que apresenta elevados índices de ligação para trás. Porém, o setor de commodities minerais não apresenta o mesmo dinamismo. Esse indicador é superior à unidade apenas na China, o que demonstra que Brasil, Rússia e Índia exportam tais produtos com baixo grau de processamento, não se aproveitando da produção desse setor para desenvolver uma indústria metal-mecânica diversificada, tal como tem feito a China.

Assim, o que se verifica a partir dessa análise é que, apesar do termo "Brics" unir Brasil, Rússia, Índia e China, as bases produtivas e as estratégias desses países no comércio internacional se diferem bastante. Enquanto os elevados multiplicadores e índices de ligação chineses, principalmente no setor manufatureiro, demonstram que a estrutura produtiva desse país é bastante articulada, por outro lado, no Brasil, na Índia e, principalmente, na Rússia, há uma forte dependência da produção e exportação de commodities com baixo grau de processamento. Ademais, vale ressaltar que, independentemente do país analisado, os índices calculados revelam que o setor manufatureiro é o que apresenta maior inter-relação com o resto da economia. Assim, uma estratégia que tenha por finalidade galgar patamares expressivos de crescimento no longo prazo deve levar em consideração as vantagens de uma estrutura produtiva orientada para o setor manufatureiro, podendo ser ainda dinamizada quando associada a setores primários, como se verificou no caso da indústria petrolífera.